

Uma reflexão sobre o uso das metodologias ativas no ensino do proeja integrado a educação profissional

Cristina do Socorro Ribeiro da Costa

Como citar: COSTA, Cristina do Socorro Ribeiro da. Uma reflexão sobre o uso das metodologias ativas no ensino do proeja integrado à educação profissional. *In:* BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; MIGUEL, Priscila Caroline; SILVA, Matheus Estevão Ferreira da (org.). **A formação ética do educador em contextos diversos**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.119-132. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-473-8.p119-132>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Uma Reflexão Sobre o Uso das Metodologias Ativas no Ensino do PROEJA Integrado a Educação Profissional

Cristina do Socorro Ribeiro da COSTA⁶

Introdução

Atualmente, uma das questões mais discutidas é a preocupação com a qualificação das pessoas, uma vez que é necessário formar profissionais capacitados para acompanhar as mudanças sociais, políticas e econômicas que ocorrem. A Educação preocupa-se em direcionar suas práticas de ensino pautadas na formação de pessoas independentes, capazes de mobilizar conhecimentos, valores, habilidades e atitudes diante de situações de vida. Segundo Delors (UNESCO, 1998), a educação estimula a resolução de problemas, desafiando os alunos a trabalharem com os conhecimentos já adquiridos, integrando-os e a criando, tendo como base os quatro pilares: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser.

⁶ Mestranda em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: cristina.costa@unesp.br

Os alunos de hoje estão acostumados a viver em um mundo altamente tecnológico. Os millennials, alunos nascidos em ou após 1982, estão incluídos nesse grupo de alunos, que têm preferências de aprendizado diferentes de seus antecessores. Os docentes muitas vezes favorecem métodos de ensino que colidem com tais preferências.

As metodologias ativas de aprendizagem ganham importância na intenção de aperfeiçoar o ensino, principalmente quando buscam um modelo diferente do aprendizado tradicional, em que o conhecimento deixa de ser apenas transmitido e passa a ser obtido de maneira mais ativa pelo aluno, sendo um movimento que parte da constatação de que esse maior protagonismo por parte do estudante colabora para que ele aprenda mais rápido e melhor.

A importância para um profissional compreender a funcionalidade de suas atividades e obter uma visão sistêmica para tomar uma decisão, implica na busca de uma formação que o ajude tomar decisões e entender o impacto que essas decisões causarão. Cabe ao profissional desenvolver conhecimento e habilidades para decisões mais eficientes, tornando mais produtivo o trabalho, com resultados mais duradouros e melhores. Diante do exposto o objetivo deste artigo é analisar a utilização das metodologias ativas no ensino do PROEJA integrado a educação profissional.

Educação de Jovens e Adultos

Segundo Oliveira (2007), a educação de jovens e adultos, no Brasil, tem sido um tema polêmico e controverso desde os primeiros momentos em que começou a ser pensada em suas especificidades com relação ao ensino regular.

A EJA (Educação de Jovens e Adultos), é uma política educacional instituída pelo Governo Federal, voltada para a educação de jovens e adultos que não completaram o ensino ou que não tiveram acesso a uma educação formal na idade apropriada, tendo como objetivo promover a inclusão social e o acesso dessas pessoas a uma educação de qualidade. No entanto, outras finalidades também são alcançadas, como a flexibilidade e a economia de tempo e dinheiro dos estudantes, além da inclusão digital pelo uso da tecnologia na educação (SOARES; PEDROSO, 2016).

A construção de uma proposta de trabalho que reconheça as especificidades do público da EJA perpassa diversos aspectos como: a diversidade de sujeitos educandos com características peculiares; a preocupação com a existência de uma infraestrutura que acolha a realidade desse público bem como a elaboração de propostas curriculares que vá ao encontro das necessidades, das exigências e dos interesses desses sujeitos (SOARES, 2011).

Arroyo (2007) relata que no cotidiano escolar muitos são os desafios enfrentados pelos alunos da EJA na busca por um ensino com qualidade, como exemplo, a diversidade cultural, a diferença de idades entre os alunos, equacionando dificuldades de estabelecerem boas relações, a superação do analfabetismo digital, o cansaço, a formação profissional para atuarem na EJA, pouco tempo para dedicação aos estudos, metodologias utilizadas, comumente inadequadas que acabam por impedir ao aprendizado.

Os jovens, quando chegam nesta modalidade, em geral, estão desmotivados, desencantados com a escola regular, com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais. Muitos deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e

à importância do estudo para a sua vida e inserção no mercado de trabalho. Além das dificuldades de acesso e permanência na escola, os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens. Isso implica em dizer que as escolas têm se apresentado como instituições pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extraescolar (BRUNEL, 2004).

Merazzi (2014) afirma ser possível realizar uma intervenção na qual exista a necessidade de garantir a jovens e adultos, pouco ou não escolarizados, a oferta de oportunidades educacionais que sejam adequadas às suas expectativas e especificidades, mas que também é importante que essas oportunidades venham acompanhadas de uma política de discriminação positiva que programe e facilite este processo para garantir a conclusão da formação escolar. Neste contexto, não basta oferecer escola; é necessário criar as condições de frequência, utilizando uma política de discriminação positiva, sob risco de, mais uma vez, culpar os próprios alunos pelos seus fracassos.

Pinto (2000) explica que é necessário superar a ideia de que a EJA se esgota na alfabetização, desligada da escolarização básica de qualidade. É também necessário superar a descontinuidade das ações institucionais e o surgimento de medidas isoladas e pontuais, fragmentando e impedindo a compreensão da problemática. É preciso desafiar o encaminhamento de possíveis resoluções que levem à simplificação do fenômeno do analfabetismo e do processo de alfabetização, reduzindo o problema a uma mera exposição de números e indicadores descritivos. Visualizar a educação de jovens e

adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a ela recorrem torna-se, pois, um caminho renovado e transformador nessa área educacional.

A diversidade geracional do público da EJA (adolescentes, jovens, adultos e idosos) incide nos diferentes acessos e níveis de domínio das tecnologias digitais. O atual momento de pandemia revela a necessária atuação do Estado e de políticas públicas planejadas de acesso e inclusão às tecnologias digitais. Estas, porém, não substituem a importância do espaço-tempo escolar e a mediação do professor. No caso dos sujeitos da EJA, afora os desafios aqui mencionados, há os de outras natureza, a saber: os concernentes à saúde de adultos e idosos, que impedem/dificultam a exposição por longo tempo à frente da tela de um computador ou celular; o de natureza pedagógica, que exige um maior acolhimento e interação por parte do professor, face ao histórico dos estudantes marcado por muitas interrupções e insucesso escolar; os de natureza econômico-social, que não favorece haver espaço-tempo na residência, apropriado para concentração e disciplina que o ensino remoto e a educação online exigem (DA SILVA; MARTINS, 2012).

Educar jovens e adultos, em última instância, não se restringe a tratar de conteúdos intelectuais, mas implica lidar com valores, com formas de respeitar e reconhecer as diferenças e os iguais. E isso se faz desde o lugar que passa a ocupar nas políticas públicas. De nada adianta impor conteúdos, se não se sabe que eles são bens produzidos por todos os homens, que eles têm direito e devem poder usufruí-los. Nenhuma aprendizagem, portanto, pode-se fazer destituída do sentido ético, humano e solidário que justifica a condição de seres humanizados, providos de inteligência (PAIVA, 2007).

O PROEJA é a modalidade de EJA voltada à educação profissional. Ou seja, além de receber a formação básica, o aluno recebe também uma qualificação ou uma formação técnica.

Metodologias ativas para jovens e adultos

A idade é a característica frequentemente mencionada ao descrever um aluno adulto. A maioria dos educadores presume que é fácil distinguir um aluno adulto de um aluno mais jovem, basta observar a diferença de anos. Mas a diferença vai além da idade e dos anos. Pense nos muitos conceitos possíveis de um adulto, como a definição de um dicionário ou as definições biológicas, fisiológicas, legais, sociais, psicológicas, espirituais e morais. Esses conceitos incluem definir um adulto como totalmente desenvolvido e maduro, como alguém que pode se reproduzir, como alguém que é responsável por suas próprias ações, como alguém que pode votar legalmente e como alguém que exibe um comportamento que indica um sentido de certo e errado.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início a uma discussão que considera o meio cultural e as relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, no qual a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. Dessas formas as teorias de aprendizagem buscam reconhecer a dinâmica envolvida nos atos de ensinar e aprender, partindo do reconhecimento da evolução cognitiva do homem, e tentam explicar a relação entre o conhecimento pré-existente e o novo conhecimento.

A aprendizagem não seria apenas inteligência e construção de conhecimento, mas, basicamente, identificação pessoal e relação através da interação entre as pessoas. A aprendizagem e o crescimento genuínos são respostas autoiniciadas à vida, expressões da voz, experiência, desejo, preferência e sentimento.

As abordagens teóricas sobre o desenvolvimento humano e os processos de aprendizagem apresentam conhecimentos que podem contribuir para a construção e reconstrução das relações entre os indivíduos, podem modificar a realidade social e melhorar a qualidade de vida do ser humano; e do ponto de vista educacional podem, efetivamente, impactar na formação e atuação dos professores e promover o desenvolvimento de práticas educativas mais eficazes.

O desenvolvimento e a aprendizagem tornaram-se campos de estudos e pesquisas da Psicologia da Educação sob a égide de diferenças filosóficas, epistemológicas, bases empiristas e seus princípios entusiasmam na direção dos seus processos, pois cada pesquisador abarca consigo uma concepção de mundo e de homem, e estas conseqüentemente influenciam em seus estudos.

As metodologias ativas de aprendizagem vêm ganhando espaço, pois se propõem a trazer o aluno para o centro do processo de ensino e aprendizagem, por meio de experiências de situações reais, abrangendo conhecimentos significativos. Esse processo desvincula o aluno de uma metodologia que o robotiza, limitando-o apenas ao que lhe é transmitido, quebrando o paradigma do ensino para o verdadeiro aprendizado.

O modelo convencional de ensino não atende hoje todas essas necessidades de mudança, uma vez que o aluno adulto possui outras necessidades de aprendizagem e de construção do conhecimento,

diferente do aprender do aluno criança e adolescente. O marco histórico da Andragogia como uma ferramenta didática ocorreu no século XX, quando muitos autores notaram que a forma de orientar e educar os adultos, deveria ser diferente da pedagogia para as crianças e adolescentes. O adulto necessita que sua necessidade de aprendizagem específica seja compreendida e atendida de maneira prática.

De acordo com Knowles (1980), o objetivo da educação de adultos deve ser a autorrealização; assim, o processo de aprendizagem deve envolver todo o ser emocional, psicológico e intelectual. A missão dos educadores de adultos é auxiliá-los a desenvolverem todo o seu potencial e a andragogia é a metodologia de ensino utilizada para atingir esse fim. Na visão de Knowles, o professor é um facilitador que ajuda os adultos a se tornarem aprendizes autodirigidos.

Rogers (1985) afirma que é pelo contato que se educa e que o professor deve ser um educador-facilitador, uma pessoa realmente presente para seus alunos. O educador não deve adotar um modelo único de facilitar o aprendizado, precisa colocar os interesses dos alunos em primeiro lugar; esse método consiste em o aluno seguir, apreendendo a aprender e o professor, sendo um facilitador dessa aprendizagem de forma singular e livre, com autenticidade, aceitação, confiança tanto em si como no aluno e compreensão empática. Sugere ainda a não padronização e a universalização dos comportamentos e sim a singularização e o respeito às diferenças, a relação aluno e professor deve transcender a sala de aula porque a educação sem atuação é comparada ao adestramento, na prática educativa o aluno

precisa ser ator do seu processo de aprendizagem, refletindo, questionando e fazendo escolhas.

Por aprendizagem significativa, queremos dizer que a aprendizagem é mais do que um acúmulo de fatos. É a aprendizagem que faz a diferença no comportamento do indivíduo, no curso de ação que ele escolher no futuro, em suas atitudes e em sua personalidade. É um aprendizado abrangente que não é apenas um acréscimo de conhecimento, mas que se interpenetra em cada parte de sua existência.

Hoke *et al.* (2005) descrevem que a aprendizagem ativa e cooperativa é um método para ensinar as habilidades de pensamento crítico necessárias para a transferência e uso do conhecimento adquirido em sala de aula no ambiente clínico. No entanto, muitos educadores de enfermagem continuam a usar abordagens educacionais centradas no professor, ao mesmo tempo em que identificam uma série de barreiras para a preferência expressa pela educação centrada no aluno. Usando estratégias holísticas e ativas de aprendizado cooperativo (modelagem de papel do corpo docente, aprendizado interativo e em grupo do aluno e testes em grupo) dentro de uma aula didática, os autores encontraram diferenças na nota clínica média (87,03) quando comparada à nota clínica média para alunos que foram ensinados usando uma abordagem de palestra (84,19).

Knowles *et al.* (2005) observaram que os aprendizes adultos trazem experiências de vida e conhecimentos prévios para a sala de aula; assim, o professor é mais um facilitador da aprendizagem do que aquele que possui todo o conhecimento. Isso sugere que o professor

deve capacitar os alunos durante o processo de aprendizagem, e não esperar que eles assumam um papel passivo.

As metodologias ativas de aprendizagem, além de romper com o tradicionalismo com novas perspectivas de ensino e aprendizagem, proporcionam uma gama de conteúdos que talvez não fossem explorados no método tradicional, ou, se explorados, não teriam tanto significado para o aluno. Nas metodologias ativas de aprendizagem, quanto maior o envolvimento do aluno no conteúdo discutido, maior sua capacidade de compreensão. Além disso, a correlação entre o conhecimento abstrato e sua aplicação ao mundo real promove a interação entre teoria e prática e, ao participar ativamente do processo de aprendizagem, o aluno adquire maior capacidade de memorização, pois o cérebro atua de forma mais dinâmica. Acrescenta-se que a trajetória da aprendizagem ativa deve ser pautada por um objetivo final a ser alcançado.

É de extrema importância o uso de metodologias, práticas pedagógicas inovadoras e flexíveis que possam contribuir positivamente no processo de ensino aprendizagem, na construção de conhecimentos, constituindo possibilidades ilimitadas ao aluno, assim como o acesso às tecnologias, obtenção de informações consideráveis, através de professores preparados e valorizados que ultrapassem as fronteiras da formação convencional.

São vários os motivos que levam os alunos a abandonar os estudos dentro da faixa etária em cada modalidade, seja no Ensino Fundamental ou Ensino Médio Regular de escola pública ou privada, causando assim a evasão escolar, entre os motivos pode-se citar: problemas familiares, busca por trabalho desde jovem, falta de organização e frustração por não entender os ensinamentos do

professor, além de muitos outros fatores. Convém destacar que o PROEJA é mais do que um direito, é o ponto de acesso para a atuação da cidadania na sociedade contemporânea, que cada vez mais vai se impondo nestes tempos de grandes mudanças e modernização nos processos produtivos.

Considerações Finais

Os estudantes jovens e adultos historicamente têm lutado para aprender uma grande quantidade de conteúdo em um curto período. Confiar na memorização intensa de fatos intermináveis de vários capítulos de livros didáticos é ineficaz, exaustivo e geralmente não resulta em retenção de conhecimento. Os educadores enfrentam o desafio de facilitar o aprendizado que promova o pensamento crítico por meio do uso de estratégias que envolvam ativamente os alunos. É imperativo criar um ambiente de aprendizagem onde os alunos venham preparados para a aula e usem o material didático para melhorar a compreensão e a aquisição de conhecimento. As metodologias ativas têm se mostrado como recursos promissores para um melhor ensino profissionalizante.

Referências

ARROYO, M. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares. **REVEJ@-Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, p. 1-108, 2007.

BRUNEL, C. Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DA SILVA, G. S.; MARTINS, M. S. A. Educação de jovens e adultos (EJA): a luta pelo desenvolvimento da cidadania. **Nucleus**, v. 9, n. 1, p. 231-240, 2012.

HOKE, M. M.; ROBBINS, L. K. The impact of active learning on nursing students' clinical success. **Journal of Holistic Nursing**, v. 23, n. 3, p. 348-355, 2005.

MERAZZI, D. W. A contribuição das atividades práticas em Ciências na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Fundamental: a percepção de educandos e licenciandos dos cursos de Ciências. **Teses e Dissertações PPGECIM**, 2014.

MOREIRA, T. A. M.; JÚNIOR, A. A. da S. F.; PEDROSO, A. P. F. Impactos da COVID-19: Limitações do Uso das Tecnologias pelos Alunos da Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação e Cultura – RBEC - ISSN 2237-3098**, n. 21, p. 01-22, 2020.

OLIVEIRA, I. B. de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar em Revista**, p. 83-100, 2007.

PAIVA, J. Educação de Jovens e Adultos: questões atuais em cenário de mudança. *In*: OLIVEIRA, I. B.; PAIVA, J. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis: DP&A, 2009. p. 22-33

PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 11. Ed. São Paulo: Cortez. 2000.p113.

SOARES, L. As especificidades na formação do educador de jovens e adultos: um estudo sobre propostas de EJA. **Educação em Revista**, v. 27, p. 303-322, 2011.

SOARES, L. J. G.; PEDROSO, A. P. F. Formação de educadores na educação de jovens e adultos (EJA): alinhando contextos e tecendo possibilidades. **Educação em Revista**, v. 32, p. 251-268, 2016.

RUFINO, M. I. M. **Carl R. Rogers e Paulo Freire: aspectos semelhantes e complementares que favorecem a compreensão da educação de adultos**. 1985. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1985.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WINTERS, J. R. da F. *et al.* Formação dialógica e participativa na enfermagem: Contribuição ao desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo e criativo de acadêmicos. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 21, p. 1-8, 2017.

